



## Apesar de vocês: Oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985

São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (584 p.)

*James N. Green*

---

João Rafael Moraes de Oliveira<sup>1</sup>

Celso Furtado, no início da década de 1960, deu o tom do pensamento intelectual de esquerda no Brasil, ao publicar “*A Pré-Revolução Brasileira*” (1962). O livro afirmava que estava em curso no país um processo revolucionário latente, um momento de transformações sociais e econômicas profundas. Segundo Furtado, o Brasil estaria conquistando sua “autodeterminação no plano econômico, mesmo que ainda numa fase caracterizada por um nível de renda *per capita* típico de país subdesenvolvido”. A confiança fez o autor escrever: “Em meus contatos com a juventude universitária de todo o Brasil, tenho observado que crescentes ansiedades dominam os espíritos. Generalizou-se a consciência de que o país caminha para transformações de grande alcance; e de que, sob nossos pés, como uma tormenta profunda, trabalham forças insondáveis”. Pode-se dizer que esse espírito “revolucionário” havia sido propagado para toda a América Latina, de maneira mais pragmática, por meio da Revolução Cubana de 1959.

O que teria significado o golpe militar de 1º de abril de 1964 para essa intelectualidade? Ele criou um clima que denominamos “revolução brasileira” malograda, animando o embate de forças políticas: de um lado, os movimentos sociais, e de outro, a burguesia nacional e os militares, apoiados pelos Estados Unidos. Desse modo, para muitos intelectuais brasileiros, todos os cidadãos estadunidenses tornaram-se sinônimo de “imperialistas” e, portanto, inimigos da nação.

Os norte-americanos que estudavam o Brasil, além de pouco conhecer a história e a cultura brasileiras, quase nada fizeram para opor-se à ditadura militar que se instalou no país entre 1964 e 1985. Partindo dessa afirmação de um jovem pesquisador brasileiro e com a certeza do contrário, o historiador e brasilianista James N. Green mergulhou numa extensa documentação que resultou na publicação em 2009 de *“We Cannot Remain Silent: Opposition to the Brazilian Military Dictatorship in the United States”*, traduzido e editado no Brasil nesse mesmo ano.

James Green não desconhece o Brasil. Sua familiaridade resulta de laços políticos, pessoais e afetivos que manteve enquanto viveu no país durante os anos 1970 a 1980. Nesse período, ajudou a fundar o PT (Partido dos Trabalhadores) e militou num grupo ativista em defesa dos direitos homossexuais. Em 2000 publicou uma história social do homossexualismo no Brasil do século XX, intitulada *“Além do Carnaval”* (2000). Característico do autor, ao lado do rigor da análise documental, um forte elemento de interpretação pessoal individualiza seus textos, marca de sua história ligada à luta contra injustiças.

*Apesar de vocês* não é somente dirigido a historiadores profissionais. Trata-se de uma obra para todos aqueles que se interessam em conhecer muitos dos que lutaram em favor da justiça social e dos direitos humanos num período conturbado da história da América Latina. O autor, experiente e dedicado, premia o público com o resultado de mais de dez anos de árdua pesquisa em arquivos e entrevistas, que realizou com cerca de cem pessoas. Leitores adeptos das discussões teóricas não ficarão à vontade no livro de Green. Mesmo quando o assunto é o engajamento dos intelectuais na vida pública, tema caro à Nova História Cultural, dispensa as digressões teóricas. Essa ausência não desmerece o profundo trabalho empírico do autor. Com sutileza analisa diversos tipos de fontes, compreendendo documentos oficiais, boletins, manuscritos, artigos acadêmicos, correspondências, filmes, músicas, peças teatrais e fontes orais, sempre buscando perscrutar, além dos fatos, as emoções e as razões presentes neles.

O texto traz uma análise detalhada das forças que emergiram contra a ditadura brasileira nos Estados Unidos, dos sucessivos governos deste país que apoiaram aquele regime, e, ao mesmo tempo, como esse embate contribuiu para modificar a política norte-americana. James Green estuda meticolosamente esse jogo de forças envolvidas na trama histórica, ao longo de onze capítulos (cenas). De forma criativa, cada parte do livro encerra-se com uma seção denominada de “entreato”, na qual se examina a “cultura engajada”, expressa pelas trajetórias de vida dos ativistas e militantes, protagonistas (atores) na narrativa.

James Green combina dois conjuntos abrangentes de dados. De um lado, analisa as informações de diversos documentos e fontes orais; de outro, trabalha a opinião pública norte-americana. Esta funciona como um termômetro por meio do qual o autor avalia a intensidade das forças de oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos. Para essa tarefa, sistematicamente acompanha as notícias vinculadoras de determinada imagem do Brasil, nas publicações dos principais formadores de opinião, como os jornais *Washington Post* e *New York Times*. A minuciosa leitura dessas fontes no período estudado permitiu ao autor captar a transfiguração da imagem do Brasil nos Estados Unidos: inicialmente, um país “colorido” (festivo, do carnaval, da selva Amazônica, dos índios “não civilizados”), após 1960, refém do “perigo vermelho” e, finalmente, nos anos de 1970, o país da tortura e violência.

Green se debruça ainda sobre a política externa norte-americana relativa ao Brasil, focando, de modo especial, a atuação do embaixador Lincoln Gordon. O reconhecimento da Casa Branca do novo governo que se instalou no Brasil em 1964 contribuiu para divulgar a campanha de que os militares haviam frustrado uma guerra civil e evitado uma “nova” Cuba na América Latina.

De modo preciso, o autor mostra como, à medida que se desfazia o consenso da Guerra Fria e a participação de ativistas contrários ao regime brasileiro aumentava nos Estados Unidos, o posicionamento político e as opiniões na imprensa alteravam-se. Esse processo ficou mais intenso com a assinatura do Ato Institucional nº 5, em 1968, a partir do qual começava a ruir a máscara de governo democrático, evidenciando uma nova face.

A promulgação do AI-5 desencadeou, como manifestações mais drásticas das medidas excessivas tomadas pelos militares, campanhas mais frequentes em defesa da liberdade artística e acadêmica, que acabaram por suscitar forte repúdio internacional à ditadura militar no Brasil. A questão da violência, e da tortura em especial, acabaria por tornar-se importante foco da condenação ao regime.

No desenrolar dos capítulos, Green mapeia a congregação, incerta e gradual, daqueles que se empenharam em questionar o envolvimento do governo norte-americano com os países da América Latina. Criadas, lenta e imperceptivelmente, as malhas dessa rede envolveram indivíduos, grupos, coletividades e projetos que contestavam as ações políticas dos Estados Unidos em Cuba, na República Dominicana e no Brasil, por exemplo.

Durante as décadas de 1970 e 1980 foram diversas as atividades das pessoas comprometidas com o apoio aos direitos humanos no Brasil. Com acuidade, o autor não deixa escapar informações que comprovam a existência de um importante movimento acusatório nos Estados Unidos sobre as atrocidades cometidas no território brasileiro. O olhar do historiador esteve

voltado, dentre outros aspectos, para os efeitos na política norte-americana em decorrência da campanha de denúncia da aposentadoria compulsória de acadêmicos brasileiros em 1969, dos protestos, entre os latino-americanistas, contra o julgamento de Caio Prado Jr. e as ações promovidas pela Anistia Internacional.

Nesse contexto, os direitos humanos passaram a fazer parte da pauta de debates no Congresso americano, institucionalizam-se meios de denúncia e multiplicam-se eventos culturais dando voz ao grito dos opositores da ditadura brasileira. Uma das argumentações centrais do livro consiste, justamente, que as táticas, estratégias, redes e métodos empregados por esses ativistas, repercutiram, de maneira direta, na forma de outros militantes norte-americanos organizarem o apoio ou a solidariedade aos movimentos políticos na América Latina nos anos subsequentes

O grande mérito da obra de James Green é mostrar ao leitor brasileiro a complexidade da sociedade norte-americana. O autor desfaz, em certa medida, a cortina de fumaça que encobriu os olhos de muitos intelectuais brasileiros que estereotiparam os Estados Unidos, julgando os brasilianistas como sujeitos genéricos, agentes voluntários ou funcionários sem escrúpulos de uma política imperial. Nesse aspecto e para a historiografia brasileira, o valor do desvendamento que o livro de Green provoca ganha maior consistência se examinado à luz dos textos de José Carlos Sebe Bom Meihy. Esse historiador examinou o “brasilianismo”, e defendeu a ideia de que este foi, ao lado da “nova história” francesa, o mais importante impacto historiográfico que o conhecimento intelectual brasileiro recebeu até a década de 1990. No artigo intitulado “Decifra-me ou devoro-te: nacionalismo acadêmico *versus* brasilianismo”, Meihy afirmou que “desconhecendo-se as razões ambientadoras do movimento que gerou a ‘vocalização’ para os estudos latino-americanos, no máximo, a partir do Brasil, o que se obtém é o exame de uma face da moeda como se ela, sozinha, pudesse lastrear toda a discussão”<sup>2</sup>. O livro de Green vem, agora, cobrir essa lacuna e ajudar a revelar a outra face do processo.

Prestando-se a um trabalho hercúleo, o autor estudou dois países diferentes, desconhecidos entre si, em uma conjuntura histórica de profunda efervescência. Assim, o livro apresenta, não raramente, passagens em que o objeto de estudo impõe-se às interpretações do contexto mais amplo, havendo um “superdimensionamento” daquele em relação a este. Num prisma mais dilatado, percebe-se que não apenas o Brasil, mas, talvez com maior intensidade, Chile, Vietnã e Cuba, preocupassem mais os norte-americanos.

É verdade que James Green se justifica afirmando que seu foco não é abrangente, mas estreito, e que trata apenas de um aspecto da história. Reconhece igualmente que “não é possível minimizar o impacto do Golpe no Chile,

em 11 de setembro de 1973, sobre os norte-americanos que haviam voltado os olhares para a América Latina” e, também, que “a guerra no Vietnã havia espalhado na juventude norte-americana um ceticismo generalizado a respeito da política externa do país”. No entanto, o autor trata leve e rapidamente do conturbado momento histórico norte e latino-americano nas décadas de 1960 e 1970, para afastar-se em seguida, enfatizando a oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos como sendo a “mola mestra” das transformações políticas que ocorreram naquele país.

Mais uma vez recorremos a José Carlos Meihy alertou a respeito da importância do estudo do contexto amplo, ao dizer que “os protestos contra a guerra do Vietnã e os movimentos de direitos civis [nos Estados Unidos] haveriam de provocar profundas alterações nas maneiras de relacionamento entre o governo e a massa crítica do país”; e completou afirmando que “sem esses pressupostos assentados, é absolutamente impossível qualquer compreensão do debate sobre o brasilianismo, sob pena de danarem-se os entendimentos conjunturais”.

No entanto, isso tudo é exigir sobremaneira de um trabalho que já derrubou tantas barreiras e fechou tantas lacunas. Um livro que se torna, desde já, referência indispensável e uma estimulante fonte de inspiração para novos estudos.

Sem o rancor extemporâneo, esperamos ter dado o merecido reconhecimento e importância a esta bem-vinda obra do brasilianista James N. Green.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Doutorando em História no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP/Assis e bolsista Capes. Contato do autor: joaorafaelo@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. “Decifra-me ou devoro-te: Nacionalismo acadêmico X brasilianismo”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4, nº 7, 1991, p. 128.